

TRAVESSIA NOS MÚLTIPLOS MODOS DE VER A AMAZÔNIA

Crossing throughout the multiple ways of seeing the Amazon

Caroline Barroncas de Oliveira¹

Mônica de Oliveira Costa²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a experiência de um processo formativo com professoras de uma escola pública de Manaus. Nossa intenção é dar visibilidade para os (des)caminhos metodológicos da investigação e (des)ajustes que atenderam às escolhas filosóficas/políticas das autoras. Este trabalho está vinculado à uma pesquisa que busca problematizar a multiplicidade de discursos sobre a Amazônia. Nesse recorte, a partir da demarcação teórica enamorada de Michel Foucault, narramos as descrições dos deslocamentos nos modos de ver a Amazônia. É uma tentativa de desnaturalizar verdades e problematizar as ideias dos professores da rede pública de Manaus e os atravessamentos dessas nos discursos midiáticos, literários e educacionais sobre a Amazônia. Mais do que apresentar Amazônias inventivas, concluímos que a experimentação mobilizou professoras e pesquisadoras a discutirem modos de condução de processos formativos que se distanciem da reprodução, cópia e modelo.

Palavras Chave: Processos formativos. professoras/pesquisadoras. Discurso. Amazônia.

ABSTRACT

This article has as purpose reflect about experience of a formative process with teachers of a Manaus public school. Ours intention is to give visibility to methodological paths (or misplacements) of research and adjustments (or misalignments) that had attended the philosophical / political choices of the authors. This work is linked to a research that seeks to problematize the multiplicity of discourses about the Amazon. In this regard, from the theoretical demarcation of Michel Foucault, we narrated the descriptions of the displacements in ways to see / narrate the Amazon. It is a attempt to denature truths and to problematize the teachers ideas of Manaus public system and the passage of them in media literary and educational discourses about the Amazon. More than presenting inventive Amazons, we concluded that experimentation mobilized teachers and researchers to discuss formative process conduction ways that distance themselves from reproduction, copy and model.

¹ Doutoranda em Educação em Ciências e Matemática pela Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC), Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia, professora da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, Amazonas, Brasil, carol_barroncas@yahoo.com.br

² Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela REAMEC, Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia, professora da UEA, Manaus, Amazonas, Brasil, mwmcosta@gmail.com

Keywords: Formative processes. Teachers / researchers. Amazon. Speech.

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

*Digo: o real não está nem na saída nem na chegada,
ele se dispõe pra gente é no meio da travessia.
Sertão é isto o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.*

Guimarães Rosa – *Grande Sertão: Veredas*

Milton Hatoum, em seu livro *Órfãos do Eldorado* (2009) descreve uma cidade à beira do rio Amazonas e destaca o amor desesperado de um viajante por Dinaura, mas também narra a vida de uma família, de uma região e de uma época. “A voz da mulher atraiu tanta gente, que fugi da casa do meu professor e fui para a beira do Amazonas. Uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava para o rio.” (HATOUM, 2009, p. 11). O que a índia tapuia apontava? Aproximando tal excerto da pesquisa, poderíamos indagar: O que as professoras apontam quando falam sobre a Amazônia? Que elementos da Amazônia ganham destaque nos olhares das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Como atrair professoras para conversar/desformar/inventar a Amazônia?

Como foi anunciado, este trabalho, tem por intenção refletir alguns elementos do caminhar de uma pesquisa com professoras que ensinam ciências naturais nos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Manaus que assume os aspectos teórico-metodológicos da Educação Integral³. Tal escola está num processo de estudo, sistematização e elaboração de uma proposta política e pedagógica que fuja das ditas necessidades da infância moderna num suposto contexto amazônico.

É essa luta e construção de óticas que miram o periférico que levam as pesquisadoras a indagarem: Que ideias de Amazônia a escola assume? Quais os atravessamentos dos discursos midiáticos e literários que produzem verdades sobre a Amazônia no discurso escolar? É nessa perspectiva que a pesquisa da qual emerge este trabalho busca problematizar os discursos midiáticos, literários e educacionais sobre as Amazônias presentes nas práticas das professoras dessa escola.

Qual a produtividade de traduzir o que as professoras falam sobre a Amazônia? Que silêncios as ideias de Amazônia apontadas pelas professoras causaram nas pesquisadoras? Que dúvidas as professoras e as

³ Esta é umas das quatro escolas da rede municipal de ensino de Manaus/AM que se autodefine como escola de Educação Integral. Tal escolha foi pensada e forjada por um grupo de pais e educadores chamados de CEFA – COLETIVO ESCOLA FAMÍLIA DO AMAZONAS, que tem lutado por possibilidades de organização do processo de ensino e aprendizagem que fujam das perspectivas generalizantes e massificadoras.

pesquisadoras tiveram ao observarem os caminhos e as materialidades produzidas? Talvez tenhamos tido o mesmo espanto e dúvida de Florita ao olhar para os (des)caminhos da pesquisa. “Florita foi atrás de mim e começou a traduzir o que a mulher falava em língua indígena; traduzia umas frases e ficava em silêncio, desconfiada. Duvidava das palavras que traduzia”. (HATOUM, 2009, p. 11)

Desse modo, pensamos ser interessante e mobilizador destacar como produzimos o caminho de investigação sobre os modos de olhar e narrar a Amazônia apresentados pelas professoras, principalmente numa escola que ao se autodefinir como “diferente” tem ganhado reconhecimento nacional e internacional, tornando-se um tipo de referência/modelo para outras escolas. As escolhas que fizemos estão pautadas num percurso móvel e movediço, construído no processo de experimentação de uma formação que colocou em suspeita ideias costumeiras sobre a Amazônia.

Os aspectos metodológicos se distanciam do reconhecimento da existência de um caminho previamente traçado e se aproximam de uma obstinada experimentação de rotas que produzem deslocamentos nos modos de ver e dizer. Nesse cenário, a “metodologia” é vista muito mais como movimento, indagação e problematização afastando-se como afirma Meyer e Paraíso (2014, p. 18) “daquilo que é rígido das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto”.

Daí, a importância de mostrar como a rede histórica possibilita que um objeto apareça e não propriamente sua existência. Ainda olhando para essa particularidade, podemos afirmar que, os discursos têm função produtiva no que dizem, pois assumimos como pressuposto que eles formam os objetos de que falam.

Para tanto, Paraíso (2014) destaca as possibilidades de análise da realidade que é construída dentro das tramas discursivas: buscar estratégias de descrição/análise dos discursos com a intenção de mostrar suas tramas e relações históricas; analisar as relações de poder que impulsionam a produção desse discurso; problematizar com quais outros discursos ele se articula, se contrapõe e entra em conflito. Usamos da tradução da invenção de Florita, mesmo que o resultado traga estranheza. “Florita traduzia as histórias que eu ouvia quando brincava com os indiozinhos da aldeia lá do fim da cidade. Lendas entranhas. (HATOUM, 2009, p.12)

Nesse contexto, assumimos que a verdade é uma invenção histórica: não existe o real, aquilo que a pesquisa precisa comprovar porque já se supõe saber pela vivência/proximidade com o tema investigado. Nos distanciamos de uma Amazônia verdadeira, conhecida pelos sujeitos ditos amazônicos. É nesse sentido que Foucault (2008) problematiza o discurso e pensa que o deslocamento no entendimento deste é o de abandonar a ideia de conceituá-lo como um mero conjunto de signos.

Explica Foucault que “Os discursos são feitos de signos, mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.” (2008, p.56). Nesse sentido, é mais interessante ler os discursos a partir de sua positividade e não procurar apontar as constâncias e as afirmativas que ele apresenta muito menos as qualificações daqueles que produzem tais discursos. Veiga-Neto (2014, p. 97) destaca essa questão:

Em termos metodológicos, pode-se dizer que aquilo que Foucault propõe não é organizar previamente os discursos que se quer analisar, nem tentar identificar sua lógica interna e algum suposto conteúdo de verdade que carregam, nem mesmo buscar neles uma essência original, remota, fundadora, tentando encontrar, nos não ditos dos discursos sob análise, um já-dito ancestral e oculto.

A partir da demarcação dos pressupostos que assumimos, passamos a relatar o percurso investigativo por sua produtividade formativa de/para/com professoras e pesquisadoras numa trajetória que mistura incertezas, promessas e deslocamentos. Costa (2011, p. 208-209) traduz bem esse sentimento: “nossas perguntas, as respostas que encontramos e as ações que elas podem inspirar serão sempre contingentes, provisórias e sujeitas a constantes revisões”.

A TRAVESSIA PARA (TRANS)VER A AMAZÔNIA

À mobilidade! Não a falta de rigor – porque isso é outra coisa. O que Foucault tinha de aberto e móvel em relação ao próprio pensamento tinha de rigoroso na pesquisa.

Rosa Maria Bueno Fischer

Passamos a relatar o processo investigativo/formativo das professoras e pesquisadoras nessa experiência pautada em Michel Foucault. Ao escolher a ferramenta foucaultiana do discurso para o trabalho se leva também as discussões, os cortes, os desvios, os não ditos, as diversas caracterizações, as dissoluções, as instabilidades, “colocando tudo sob suspeita: desde as nossas maneiras de pensar, nossas verdades e certezas até mesmo o martelo com que martelamos a nós mesmos ou a chave de fendas com que torcemos nossas ideias” (VEIGA-NETO 2006, p. 84).

Desejamos destacar de antemão que ao olhar por essa trama armada o caminho percorrido não interessa estabelecer uma linearidade ou uma hierarquização entre os momentos que se deram na experimentação, ou

seja, a ideia inicial sobre a Amazônia que as professoras apresentaram não é mais ou menos importante/produtiva/mobilizadora que as ideias das Amazônias inventivas. São passos de uma pesquisa que dialogam e se sustentam entre si. Explicitar tais desafios não busca esconder os não ditos e as incompletudes presentes neste trabalho e, sim discutir as possibilidades outras de se pensar a Amazônia junto com Foucault.

No primeiro momento, ao chegarmos à escola, apresentamos a proposta da pesquisa para as professoras e solicitamos que através de um desenho nos mostrassem de que modos olhavam a Amazônia. Após a produção desses desenhos, as professoras foram se organizando em círculo e aguardavam o momento para “explicar seu desenho sobre a Amazônia”. Todas ficaram surpresas quando informamos que não era necessário explicar, pois o próprio desenho já produzia uma verdade sobre uma suposta Amazônia que elas elegiam como verdadeira, correta, real.

A problematização desses e outros discursos que normatizam a Amazônia nos levam a questionar os modos de enxergar esse território, já que assumimos como pressuposto de que o discurso produz realidade, institui sentidos e significados, materializa ao colocar em circulação as repetições de um mesmo enunciado. Como explica Foucault, o cerne da questão não é apontar o progresso/evolução dos conhecimentos construídos e sim, discutir os saberes que encontraram condições de existência naquele momento histórico (FOUCAULT, 2008).

Nesse caso, o que se pensa sobre a Amazônia presente nas práticas docentes? Ainda que nos pareça uma tarefa difícil, tentamos ver esses elementos para os quais direcionamos nossos olhares como “fatos e coisas ditas que não são fixos, naturais ou cristalizados” mas como multiplicidades que não estão imunes às imprevisibilidades, como afirma Fischer (2003). E, como acrescenta a autora “expor essas multiplicidades nos permitirá descrever um pouco dos regimes de verdade de uma certa formação histórica e de determinados campos de saber”(p.376).

Assim, os discursos são entendidos como: “conjunto de regras anônimas, históricas e determinadas no tempo/espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 43). Essa afirmativa sugere que não está no sujeito do discurso a origem individual do ato que apresenta os enunciados que o formam. Assim, o sujeito amazônico existe dentro de um discurso sobre a Amazônia e é por este colocado em determinada ordem e posição.

É por isso que podemos falar em ordem do discurso, pois existem posições que se podem ocupar para falar da Amazônia e este discurso ser aceito. Isto porque os discursos são constitutivos já que formam os objetos de que falam e a análise do discurso passa pela explicitação do exercício da função enunciativa, suas condições de produção e o campo em que se realiza, permitindo compreender: por que esse enunciado e não outro?

Partindo desse pressuposto, afirmamos que a constituição do saber em Foucault auxilia fortemente a compreensão das posições que o sujeito ocupa quando se fala em Amazônia nos currículos, sejam eles midiáticos, literários ou educacionais, problematizando que a lógica não está pautada na ideia de que quanto mais conhecimento sobre esse tema menos poder se estabelece nessas relações. A partir dos desenhos produzidos pelas professoras, chegamos a quatro tipos de enunciados sobre a Amazônia, são eles: exuberância natural; resistente; devastada; e, útil (Fig. 01 e 02).



Figura 01: Desenhos das professoras sobre as ideias de Amazônia.



Figura 02: Desenhos das professoras sobre as ideias de Amazônia.

Desenhar, podemos assim pensar em dar forma ao que pensamos, sentimos, vivemos... Desenhar a Amazônia seria, então, elaborar/idear uma forma imaterial (um modelo) que poderia ser realizada sobre uma matéria ou, como diz Flusser, que pode ser recheada com uma matéria ou uma série de matérias. Dar forma, “é aquilo que faz aparecer o material, aquilo que o transforma em fenômeno. A aparência do material é a forma” (2002, p.36).

Desenhar a ideia de Amazônia, como qualquer outro aspecto da cultura, é *des-velar* ou *re-velar* a Amazônia ou a(s) Amazônia(s) pelas professoras e a positividade destas fabricações nos discursos midiáticos, literários e educacionais.

“Amazônia é natureza”, “Amazônia é indústria, temos a Zona Franca”, “Amazônia é o pulmão do mundo, temos que preservar”. Ao tomar a positividade desses *slogans* por uma dita banalidade, olhamos para o discurso literário, midiático e educacional que em um só tempo é produto e produtor da Amazônia. Não é uma questão de interpretação literária,

“nem oculto, nem visível, o nível enunciativo está no limite da linguagem: não é, em si, um conjunto de caracteres que se apresentariam, mesmo de um modo não sistemático, à experiência imediata; mas não é, tampouco, por trás de si, o resto enigmático e silencioso que não traduz” (FOUCAULT, 2008, p. 127).

A Amazônia produzida na literatura, na mídia e na educação fala muitas línguas, tem diferentes sotaques, dança variados ritmos, é composta de tantas cidades, tantas gentes, tantos lugares... Um fragmento dessa pluralidade palpita no poema “Exílio do pé quebrado” de Paulo Nunes (2001, p.33).

Minha terra tem açazeiro/que um palmitero boliu/as mangueiras já não enfeitam/a catorze de abril. Minha terra é Ver-o-Peso/da Bahia do Guajará/Os periquitos daqui/não cantam como os de lá. Minha terra é curiosa/Tem caveira de sapo enterrado/A gente toca carimbo/só que escuta marujada. Que prazer encontro eu lá/nas manhãs de chuva fina a garoa vai brotando/feito xixi de menina. Não permita, minha Senhora,/ Santinha de amor e de fé/Que eu desmanche sem voltar/ao Círio de Nazaré.

A literatura tem como um dos seus ofícios trabalhar com o vir a ser, com o devir, com as posições periféricas. Mas também atua na fabricação daquilo que é comum, cotidiano, como a ideia de uma Amazônia que é floresta e dicotômica. Assim, podemos destacar as diferentes formas pelas quais a Amazônia é descrita por meio de binarismos: o inferno/paraíso verde, ou seja, ideias que constituem uma Amazônia pelos extremos, hiperbólica atravessada relação natureza e cultura. Milton Hatoum (2009, p.99), no conto “A natureza ri da cultura”, fala de uma suposta Amazônia exuberância natural e mítica narrada por personagem cientista:

À primeira vista, a floresta parece uma linha escura além do rio Negro, disse ele. Não se consegue distinguir muita coisa. Mas no interior de tanta escuridão há um mundo em movimento, milhões de seres vivos, expostos à luz e à sombra. A natureza é o que há de mais misterioso. [...] Para ele, a floresta era um mundo quase inverossímil, e por isso mesmo fascinante.



Figura 03: Filme e agenda Ambiental escolar da Secretaria de Educação da cidade de Manaus que retratam o enunciado da Amazônia como Exuberância Natural.

Essa Amazônia naturalizada na literatura, na mídia e na educação atua da fabricação de uma descrição supostamente real (aquilo que se enxerga) e torna visível as problemáticas ditas amazônidas. Como destaca Souza (2014, p.30):

afastando-se os entulhos promocionais, as falácias da publicidade e a manipulação dos noticiários de acordo com os interesses econômicos, nota-se que a Amazônia vem sendo quase sempre vitimada, repetidamente abatida pelas simplificações, pela esterilização de suas lutas [...].

Ao pensarmos na mídia, compreendemos que esta é uma potente ferramenta de circulação de diferentes temáticas. Este meio de comunicação social é cada vez mais participativo em nossas vidas. Na atualidade, parece que se tornou difícil pensarmos, no nosso cotidiano, sem a presença das diferentes tecnologias da informação e da comunicação. Sabemos que

da era da industrialização à era da informatização, muitas foram as transformações operadas e continuamente naturalizadas no nosso cotidiano. Fez-se natural e desejável que estas novidades fizessem parte de nossas vidas, modificassem nossas percepções e nossos parâmetros, redimensionassem nossos objetivos, relativizassem nossos saberes e verdades (ROCHA, 2005, p.20-21).

Desse modo, a mídia constitui-se como uma importante estratégia de proliferação de discursos nos mais diversos segmentos. Ela nos acompanha desde o momento em que acordamos, no nosso trabalho, quando vamos ao supermercado, no carro ou no ônibus. Nos diversos lugares que circulamos, a mídia, de algum modo, se faz presente. Nesse sentido, ela não apenas vem informando, mas nos ensinando determinados hábitos, valores e

atitudes. Pensando no modo como a mídia aborda a Amazônia, é possível dizer que ela vem nos ensinando e formando para tais questões.

Dessa forma, percebemos a produtividade retratada nas ideias dos desenhos sobre uma **Amazônia Resistente** ao que é percebido na mídia, como mostra o conhecido selo da Zona Franca e o incentivo a outras formas de expressão na Amazônia com o grupo de balé da cidade de Manaus (Fig. 04).



Figura 04: Selo da Zona Franca de Manaus e reportagem no Jornal sobre o grupo de balé.

Também podemos visualizar o enunciado na positividade tratada no projeto Descobrimo a Amazônia e o regulamento da Feira de Ciências nas escolas municipais de Manaus, quando afirmam que:

A floresta representa a **maior biodiversidade do planeta**, com **imensas fauna e flora**. Muitas de suas **espécies de plantas e animais nunca foram catalogadas**; só de **árvores**, por exemplo, **estudos avaliam que podem existir quase 400 bilhões**. (Texto base do Projeto Descobrimo a Amazônia/BRASIL, 2015, p.21, grifos das autoras).

A ação proporcionará desafios aos estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, da Educação de Jovens e Adultos (1º e 2º segmentos), da Educação Indígena e Educação Especial, incentivando-os à **pesquisa científica** ou a **divulgação de boas práticas científicas** desenvolvidas nas escolas da Amazônia (Regulamento da Feira de Ciências da Secretaria de Educação de Manaus, a Amazônia é diferentemente montada como proprietária de conhecimentos científicos que

A Amazônia constantemente é enquadrada como aquela que detém um conjunto de conhecimentos desconhecidos, que precisa ser descoberta para ter uma utilidade econômica e social. Já no excerto do regulamento da Feira de Ciências da Secretaria de Educação de Manaus, a Amazônia é diferentemente montada como proprietária de conhecimentos científicos que

são produzidos dentro das escolas amazônicas. O excerto faz circular uma Amazônia na condição de produtora e divulgadora da ciência, uma **Amazônia Resistente** à ideia de ser somente exuberância natural e/ou útil, até mesmo a devastada.

Outra ideia colocada em visibilidade nos desenhos das professoras foi de uma **Amazônia devastada**, como Emerson Maia também problematiza numa toada: “O índio chorou, o branco chorou, todo mundo está chorando, a Amazônia está queimando. Ai, ai, que dor. Ai, ai que horror”. Bem como quando a mídia trata o ícone representativo Chico Mendes e declara intitulado “Amazônia em Chamas” (Fig. 05).

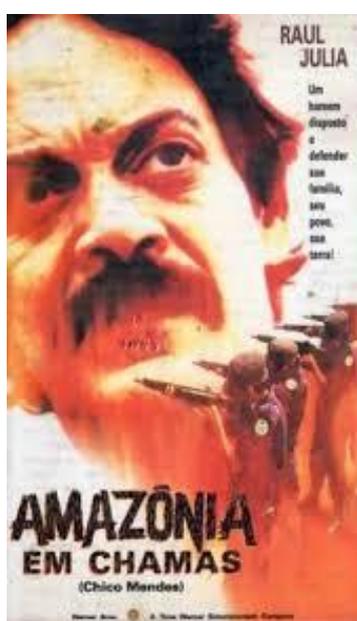


Figura 05: Documentário sobre a história de vida do Chico Mendes.

É possível perceber que no documento da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas em seu projeto para Educação Ambiental, quando trata do intercâmbio de saberes, possui enquanto objetivo específico: “Promover espaços para discussão dos graves problemas ambientais que sofre a região amazônica” (Projeto para Educação Ambiental/AMAZONAS, 2015, p. 3).

No que tange ao uso da floresta e da terra, coexistem a reprodução do ciclo desmatamento, exploração da madeira/ pecuária; o padrão conservacionista, surgido na década de 80, a partir da organização dos movimentos sociais; e a experiência pioneira das RESEX – Reservas Extrativistas. Além desses padrões, há um novo modelo, que é a expansão da agricultura capitalizada, surgida na década 1990 com as plantações de soja, arroz e milho impulsionadas por empresários do Sul do país (BECKER, 2005). Diante de tantos processos em interação, pode-se supor que são

diversos os sentidos construídos a partir dessa base econômica capitalista, na qual pluralidades expostas geram (im)permanente luta entre modernidade e tradição.

Após análise dos desenhos, percebemos que as professoras descreviam a Amazônia por seus aspectos naturais, mesmo quando apontavam outros elementos como a tecnologia, estavam sempre atrelados a ideia de preservar ou explorar tais recursos. Mas, como fazer com que as professoras vissem a Amazônia para além dos aspectos naturais? Para além do verde? Para além dos índios? Para além dos olhos tão acostumados? Assim, pensamos: se o objetivo é provocar deslocamentos na ideia que elas têm da Amazônia poderíamos então, convidá-las a produzir outras possibilidades se utilizando de diferentes linguagens.

No intuito de instituir outras Amazônias possíveis e assumindo que essas produções fossem uma tentativa de realizar um deslocamento nos olhares destas professoras, ampliando os aspectos a serem olhados, por que não inserir nesses caminhos pistas? Pois, o que seria a lente que permitiria olhar outras coisas? Mas não seriam aquelas pistas já tão acostumadas nas metodologias, repetitivas e automáticas que somente possibilitam um lugar de chegada. Seriam pistas que produzissem bifurcações, novas significações e uma multiplicidade de chegadas.

Organizamos o segundo encontro que tinha como finalidade problematizar os modos de ver e dizer a Amazônia pelas professoras e possibilitar um espaço de invenção de outra(s) Amazônia(s). Iniciamos com a apresentação dos enunciados que emergiram dos desenhos das professoras e discutimos a partir das pistas (excertos) que foram retiradas do texto *Cultura e Educação, tensão nas fronteiras*, de Rosa Maria Bueno Fischer (2010), textos que se alinham com a perspectiva teórica do trabalho. O objetivo era desmontar as verdades. Algumas pistas foram:

Afinal, o que distingue um trabalho de análise cultural de outros, em que as mídias, a textualidade da cultura, o jogo dos sentidos no social, as relações de gênero, etnia e raça são também o centro da atenção? (p. 09).

Autores como Foucault (2001) os ensinam que haveria uma quase total impossibilidade de imagens efetivamente “representarem algo”. Ou seja, textos e imagens não seriam redutíveis a interpretações e leituras, até porque estas remetem a outras, e a outras, e assim interminavelmente (p. 11-12).

Se estivesse entre nós hoje, quanta riqueza encontraria Barthes nas discussões sobre usar ou não véu nas universidades francesas; sobre pendurar ou não um crucifixo nas repartições públicas brasileiras; sobre a decisão de mostrar ou não o beijo gay na novela das oito da rede globo, ou sobre estampar imagens de dor e morte nas embalagens da carteira de cigarro – e assim por diante (p. 14-15).

Em nome dela (luta específica?) é que, por exemplo, não iremos fazer pesquisas por simples deleite, ou para cumprir função burocrática que nosso cargo exige, ou ainda para alcançarmos um suposto status que a profissão de docente universitário e pesquisador nos confere (p. 15-16).

A leitura curiosa, despojada e interessada de outras produções, o aprendizado constante de modos diversos de pensar e investigar o social e o cultural, toda essa abertura torna-se absolutamente fundamental para construir nossos objetos de pesquisa (p. 17).

Tudo indica que precisamos continuar com dúvidas e perguntas, aceitando viver na “linha feiticeira”, aquela que não nos dá qualquer garantia, mas que alimenta a fome do pensamento, e que genuinamente nos afasta dos clichês e das mesmices acadêmicas, de modo a chamar-nos constantemente ao ato político da criação e do compromisso social (p. 17).

Importa a esse jogo, são essas multiplicidades, e não a felicidade consoladora e apaziguada de ter encontrado as verdadeiras representações de algo (p. 12).

As pistas se constituem como lentes que possibilitam olhar para a Amazônia considerando os aspectos marginais e periféricos, para além das visões globalizantes e dominantes postas em visibilidades por uma multiplicidade de discursos. Desse modo, o relato que trazemos em forma de narrativa do percurso construído é uma tentativa de um processo formativo que considera as linguagens, as experiências, as (des)aprendizagens e sensações das professoras e das pesquisadoras. Ao refletir sobre condução do trabalho, nos alinhamos a Wunder et al (2007, p. 70) ao considerarmos esta pesquisa como aquela “que se propõe a transformar e transforma-se na relação”.

A discussão das pistas possibilitou desnaturalizar a arena de significados apresentados no desenho das professoras com a mesma produtividade/intensidade que gerou mudanças nos modos de olhar e narrar a Amazônia e na constituição cristalizada do ser docente e pesquisador. As pistas buscaram mudar os caminhos formativos e o que neles habitam, pois

(...) não aceita passivamente andar pelos caminhos já cansativamente trilhados. Não anda a procura de mapas seguros feitos com tintas eternas. Antes, pelo contrário, aceita o desafio pós-moderno de fazer o mapa durante o caminho. Aceita partir para o mar revolto dos tempos atuais apenas com o rascunho nas mãos” (BARCELOS; SILVA, 2007, p. 144).

Após a discussão das pistas que “explodiram” os velhos caminhos e abriram novos e, de todo processo mobilizador que elas produziram, as professoras foram convidadas a dar visibilidade às Amazônias inventivas, ou

seja, a apontar aspectos menores e mais periféricos da Amazônia e fugir das conceituações essencialistas pela valorização dos elementos na natureza como problematiza Chaves (2013, p. 91):

Quantas vezes vimos e ouvimos a Amazônia apresentada, nas palavras, nas imagens, pela exuberância natural em contraste com sua pobreza econômica, social e cultural? Quantas vezes identificamos Amazônia com indígena e este com subdesenvolvimento, primitivismo, exotismo, algo a ser apreciado como expectador civilizado de uma “realidade” que precisa ser mantida para deleite visual das novas gerações, mas que ninguém quer para si?

As professoras materializaram esse novo olhar a partir de desenhos, pinturas, textos e esculturas. Nas mesas com os materiais para essa confecção, tinham bombons, velas e outros itens que pouco estavam relacionados a uma suposta Amazônia real.

Assim, “foi intenção do trabalho, desde o princípio, gerar olhares, imagens e narrativas diversos”. (GUIMARÃES; SANTOS, 2009, p. 96) não para substituir uma ideia de Amazônia por outra, mas para refletir como modos de olhar se naturalizam como corretos e pautam modos de pensar, de ensinar e de aprender.

São esses apagamentos nos discursos que nos interessam, pois quando estamos na companhia de Foucault não nos interessa as entrelinhas, os não ditos, o que está por detrás e, assim como nos lembra Veiga-Neto “conferir relevo ao que se lançou ‘em passant’”. (2014, p. 100). Aquilo que de tantas vezes repetido parece a verdade e consequentemente não precisa discutir, criticar, olhar as camadas.

Confrontadas com cheiros, sabores, imagens que dispersaram as ideias comuns, as professoras tiveram a possibilidade de colocar em funcionamento as pistas e dar visibilidade às Amazônias inventivas, apontando aspectos do cotidiano, mas que pouco aparecem nos discursos que impõe as verdades sobre a Amazônia.

As materialidades analisadas colocam em disputa algumas variantes ditas amazônicas, que não negam os seus elementos naturais, mas também não a reduz a unicamente isso. Fazem aparecer multiplicidades nas formas de descrevê-la nas tramas discursivas, ou seja, a Amazônia que se fala não é algo individualizada, ela é plural: natureza, índio, laboratório científico, povos tradicionais, urbanidade, madeira maciça, água em abundância, problemas ambientais, reserva natural, manejo sustentável, desenvolvimento econômico e industrial, cultura científica (Fig. 06).

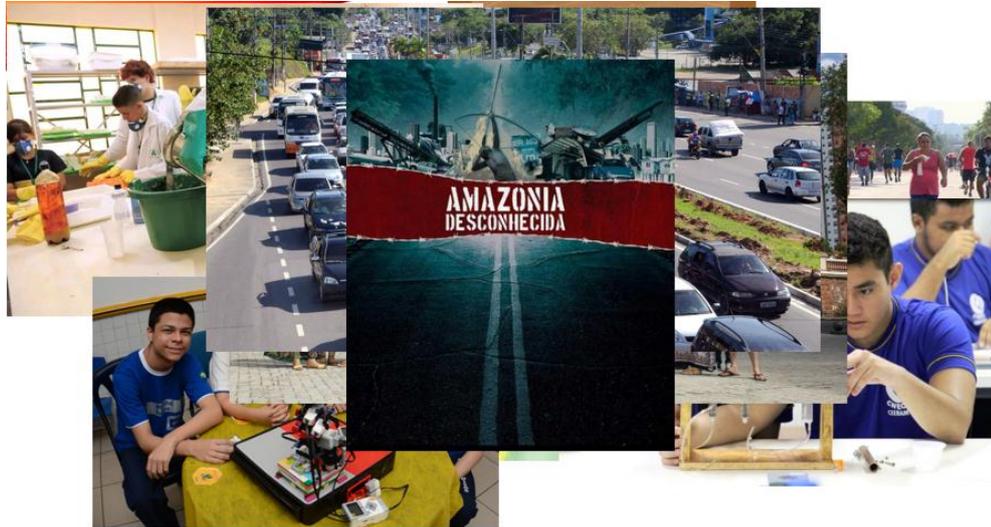


Figura 06: Multiplicidade de Amazônia(s).

Ao dar visibilidade a essa Amazônia invisível, o autor a edifica com outros matizes, outras cores - uma Amazônia em preto e branco, feita de escuros e sombras asfalto e poeira, teatros e rios - sem recorrer as formas cristalizadas e tornadas lugar comum, tão repisadas na mídia que fala exaustivamente de uma Amazônia “verde” que se quer manter verde. Lugares compostos de pessoas, urbanidade, aspectos físicos, geográficos, históricos, psicológicos, fluxos migratórios, artes culinárias, religiões, línguas, que rompem com aquela Amazônia paisagem exuberante, em cuja vida nada identificamos da nossa vida (COSTA; CHAVES, 2017, p. 11).

Mas afinal, como podemos descrever a Amazônia? Incompletude, incerteza, indagação, outros pensamentos nos atravessam agora e como destaca Guimarães (2014, p. 87) “Tudo que me atravessa’, também me corta, me edita, me compõe, já neste instante, de outro modo”. Na tentativa de problematizar outros olhares (des)enviesados sobre a Amazônia(s) as professoras perceberam quantas variadas Amazônia(s) podem existir, mas ainda impera o verde e o azul nos desenhos e em seus ditos e não ditos ao retratarem a ideia de Amazônia.

NA ESPERA DO REENCONTRO...

Esse trabalho, portanto, foi constituído por momentos móveis à medida que as pesquisadoras compreendiam a necessidade de dar força

para certos aspectos que em conversa ou análise dos desenhos das professoras eram percebidos por uma naturalização. Desse modo, se o resultado esperado da pesquisa era a discussão de uma única ideia de Amazônia, queremos destacar que foram as inquietações, dúvidas, medos, certezas, verdades, costumes, problematizadas em cada momento da pesquisa que colocaram sob suspeita as bases teóricas das professoras que possibilitaram as Amazônias inventivas.

Partilhamos com Barros (2010, p. 12) esse sentimento; “sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem que seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. [...] Acho que é defeito de nascença”.

O trabalho pretendeu, acima de tudo, colaborar na construção de ações coletivas para melhoria da formação docente, inserindo o papel fomentador que os discursos midiáticos, literários e educacionais possuem nesta perspectiva. É importante salientar esse aspecto, por não se esperar a eleição de uma Amazônia dita “certa e adequada”, construída por seus próprios sujeitos, isso seria um equívoco, ou seja, destituir uma e eleger outra.

Nesta (in)certeza é que caminhamos, e todos temos a parte que nos cabe transformar, tendo a perspectiva de contribuir para a implementação de novas ideias, novas práticas e diferentes olhares para com a educação Amazônica, especificamente para o Ensino de Ciências, o qual não deve ser pautada apenas em conteúdos sistematizados, estáticos e emoldurados em paredes da resistência à mudança, mas sim em invólucros do encorajamento de poder sempre mais, de vislumbrar movimentos novos que vão ao encontro dos nossos anseios que, por sua vez, almejam diferentes olhares para suas diferentes expectativas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.
- BARCELOS, V.; SILVA I. S. da. Saberes, sabores e devorações – para uma educação ambiental antropofágica e pós-moderna. In: A. M. P., & G. C., (Orgs.), **Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação**. Santa Maria: UFSM, 2007.
- BARROS, M. de. **Memórias Inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2010.
- BECKER, B. K. Fronteiras amazônicas no início do século XXI. In: FORLINE, L.; MURRIETA, R.; VIEIRA, I. (Orgs.). **Amazônia: além dos 500 anos**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005. p. 473-500.
- CHAVES, S. N. **Reencantar a ciência e reinventar a docência**. São Paulo: Editora da Física, 2013. Coleção contextos da ciência.

COSTA, M. V. SILVEIRA, R. H. SOMMER, L. H.. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n.23.Mai/Jun/Jul/Ago, 2003.

COSTA, M. de O.; CHAVES, S. N. A Amazônia do meio. **Anais do 7º SBECE**. Canoas, junho/2017. Disponível em: http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1495715220_ARQUIVO_MONICACOSTA.pdf Acessado em: 18 fev. 2018.

COSTA, V. M. T. **À sombra da floresta**: os sujeitos amazônicos entre o estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo. Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011. Disponível em: <bdtd.ibict.br> Acesso em 21 mar. 2014.

FISCHER, R. M. B. Cultura e educação, tensão nas fronteiras. In: **Pedagogias sem fronteiras**. BUJES, M. I. E.; BONIN, I. T. (org.) Canoas: Editora Ulbra, 2010.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, novembro, 2003.

FLUSSER, V. **Filosofia del diseño**. Madrid: Sintesis, 2002.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GUIMARÃES, L. B. Como lidar com os pensamentos passageiros que nos atravessam. **Revista Linha Mestra**. N. 24. Jan-Jul, 2014.

GUIMARÃES, L. B. SANTOS, J. E. Entre imagens e deslocamentos: descaminhos de uma pesquisa em educação ambiental. **Revista Interações**. N. 11, p. 91-1022, 2009.

HATOUM, M. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. Coleção Pensar a educação.

NUNES, P. **Poesia do Grão Pará**. Graphia, 2001.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. Coleção Pensar a educação.

ROCHA, C. M. F. **A escola na mídia**: nada fora do controle. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

SOUSA, M. Amazônia, regional e universal. IN: BASTOS, É. R.; PINTO, R. F. **Vozes da Amazônia II**. Manaus: Valer, 2014.

VEIGA-NETO, A. Na Oficina de Foucault. In: KOHAN, W.; GONDRA, J. (org). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

WUNDER, A. et al. A educação ambiental: entornos pós-modernos. **Pesquisa em Educação Ambiental**, 2(2), p. 67-87, 2007.